

ΠΟΤΑ ΙΠΤΡΟΔΥΤΟΡΙΑ

Pedro Sena-Lino

Depois do sucesso da colectânea *Contos Policiais*, e na mesma intenção de provocar a produção de contos em géneros menos habituais, tem agora em mãos *Contos de Vampiros*.

A Porto Editora, que coordena a colecção, quis trazer para a literatura portuguesa um registo de ficção pouco trabalhada em Portugal: tal como os policiais, os vampiros nunca foram explorados tematicamente de uma forma consistente e continuada. Para isso, solicitámos a colaboração de alguns escritores que já tinham participado na primeira colectânea (Gonçalo M. Tavares, Hélia Correia, Rui Zink) e de outros autores, como Ana Paula Tavares, João Tordo, José Eduardo Agualusa ou Miguel Esteves Cardoso; e da revelação de Susana Caldeira Cabaço.

Os contos de vampiros são um tipo de narrativa que se integra no género fantástico. Segundo Tzvetan Todorov, este género caracteriza-se por “uma hesitação: o leitor tem de integrar o que se passa na realidade ou na ficção”. Ou seja: o leitor, enquanto lê, tem de tomar uma decisão, e nesse espaço de dúvida acontece o fantástico, essa hesitação.

Depois de *In Search of Dracula* e dos trabalhos de Dudley Wright e Montague Stevens, uma definição genérica de vampiro pode estabelecer-se com alguns traços gerais: «Cadáver reavivado que se levanta do túmulo para sugar o sangue dos vivos e assim reter a aparência de vida», como afirma J. Gordon Melton. Naturalmente que o trabalho sobre o mito do vampiro, tão inicialmente relacionado com a figura de Drácula

e a sua versão de Bram Stroker, sofreu mutações; da imagem que esta obra desenha, baseada em Vlad Tepes, personagem histórica do século XV na Wallachia (região da Roménia), criam-se visões do mito em que o vampiro é um «espírito desencarnado», ou surge como uma forma de vida inteligente. Um traço comum é a necessidade de alimentar-se do sangue de outro, como uma sanguessuga anímica.

Mas a emergência da figura do vampiro surge sobretudo no século XVIII em termos europeus, saindo do contexto regional da Europa Central em que se formou a lenda de Drácula. E globaliza-se num momento em que o mal deixou de estar (tão) presentificado na figura feminina (sobretudo na bruxa); naturalmente que este movimento é auxiliado pelo recuo da Inquisição católica e pela fixação do Protestantismo. Mas, ao encontrar esta outra representação de mal no vampiro, é como se o Ocidente necessitasse de outra figura, já não local como a prefiguração feminina da bruxa, mas que viesse de um referente mais oriental e antigo, que reflectisse esta representação do perigo e de um tipo de medo antigo e alicerçado na identidade, no sangue – um outro que nos fizesse temer a nossa própria humanidade.

É essa a substância, a natureza do vampiro: fazer temer a invasão do outro no meu espaço corporal, no primeiro e mais claro reduto da minha identidade. E assim perder a própria existência, metamorfoseando-me no outro.

Atenção, caros leitores: porque ao ler este livro é isso que está em jogo – perder a própria identidade!

Outubro de 2009

Pedro Sena-Lino